

PAULO FREIRE: A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE E DA SUBJETIVIDADE ¹

Adelmo José da Silva².

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da construção da liberdade e da subjetividade no pensamento de Paulo Freire. Com isto pretendemos criar uma discussão acerca da contribuição deste pensador no que se refere à educação. Paulo Freire considera ser de fundamental importância discutir o papel educacional no processo de criação da liberdade e da subjetividade junto às pessoas. Da mesma forma, propõe que o indivíduo seja o sujeito responsável por criar as diretrizes que possam determinar a elaboração de sua história, através da emancipação de tudo aquilo que possa representar estigmatização ou alienação em sua vivência pessoal e coletiva. O pensamento de Paulo Freire aponta que esta libertação e criação da subjetividade passa, necessariamente, pelo processo de conscientização numa relação entre o sujeito e a sociedade. Aponta, igualmente, que a conscientização tem como base uma educação pautada no senso crítico e no questionamento.

Palavras-chave: Liberdade; Subjetividade; Conscientização; Educação.

ABSTRACT: This article aims to present a reflection on the construction of freedom and subjectivity in Paulo Freire's thought. With this we intend to create a discussion about the contribution of this thinker with regard to education. Paulo Freire considers it to be of fundamental importance to discuss the educational role in the process of creating freedom and subjectivity among people. In the same way, he proposes that the individual is the subject responsible for creating the guidelines that can determine the elaboration of their history, through the emancipation of everything that could represent stigmatization or alienation in their personal and collective experience. Paulo Freire's thought points out that this liberation and creation of subjectivity necessarily passes through the process of awareness in a relationship between the subject and society. He also points out that awareness is based on education based on critical sense and questioning.

Key words: Freedom; Subjectivity; Awareness; Education.

Considerações iniciais

O conceito de homem em Paulo Freire está atrelado a outros conceitos como relação, abertura e realidade; isto considerando que pessoa é para este pensador um ser envolvido num feixe de relações com a realidade que o cerca. A relação da pessoa com o mundo não acontece de forma passiva, apenas recebendo influências do meio, mas de maneira ativa, à medida que o indivíduo, dotado da capacidade para transformar o que está ao seu redor, coloca em prática essa sua aptidão. Essa faculdade para se relacionar com o mundo de

¹ Agradeço à UFSJ, que disponibilizou recursos orçamentários para a execução desse Evento, em parceria com outras instituições.

² Professor emérito do DFIME/UFSJ - adelmojs@ufs.edu.br

maneira ativa, e não meramente passiva, confere-lhe um atributo muito especial, sobretudo, quando comparado com os animais que têm uma relação com o mundo, caracterizada por uma forma meramente passiva.

Desde quando começa a se relacionar com a sociedade, o homem passa a ter a consciência da necessidade de transformação no sentido de adaptar a realidade a seu favor. É com base na constatação da necessidade de adaptação do meio em seu favor que ele se move, buscando satisfazer essa necessidade. Essa constatação é um aspecto bastante evidenciado no pensamento de Paulo Freire, pois denota a sua índole transformadora, opondo-se à atitude passiva de simplesmente aceitar a realidade que se apresenta.

A natural aptidão para as transformações que caracterizam os homens está muito relacionada com a escola, segundo Paulo Freire. Isso porque o pensador em questão considera que o ambiente da escola constitui-se em lugar de prerrogativa para o acontecimento das transformações, especialmente se o ambiente escolar for marcado por críticas e questionamentos frente à realidade. Desse modo, a escola possui um papel fundamental na sociedade, à medida que ela é capaz de propiciar esse ambiente transformador, que vai desencadear a conscientização no indivíduo de seu papel político e vanguardista dentro da sociedade³.

No entanto, para que o ambiente escolar possa ser espaço privilegiadamente transformador da realidade e suscitar a conscientização no educando, Paulo Freire aponta que, primeiramente ela necessita ser um lugar marcado por questionamentos assim como também ser um local favorecedor e propício para as interações sociais mediante o diálogo. A troca de experiências através do diálogo é para Paulo Freire um elemento fundamental e indispensável no modelo de educação por ele sugerido. Eis o que Paulo Freire diz sobre a educação:

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de experiência feita para ser de experiência narrada ou transmitida [...]. A educação que se impõe aos que verdadeiramente se

³ Paulo Freire considera que a escola deve ser um ambiente político, capaz de despertar a conscientização no educando de que ele possui um papel humanizante e transformador junto à sociedade. Para isso, a relação entre educador e educando necessita passar, de um modelo tradicional e conservador, para um estilo identificado por ele como prática da liberdade.

comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo encha de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanisticamente compartimentada, mas nos homens como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (Freire, 1985, 79).

Para Paulo Freire, o processo pedagógico educacional deve possuir um movimento contínuo e dinâmico onde não haja espaço para ideologias e sistemas enrijecidos e tomados como acabados. A educação transformadora deve apontar ao educando o papel que o homem possui junto à sociedade e junto a si. Frente à sociedade, a educação deve mostrar a necessidade da dinamicidade em contraposição às sistematizações que estigmatizam o corpo social. Diante de si mesmo, a educação deve possuir um papel desafiador no sentido de continuamente apontar para a necessidade de buscar sua completude. E para isso, num primeiro momento, necessário se faz despertar a consciência de que o homem é um ser inacabado e, portanto, com o desafio de buscar constantemente se concluir.

O que vai diferenciar no educando o processo de humanização da ação desumanizante é precisamente estar - ou não estar - consciente dessa necessidade de buscar constantemente a sua complementação. O ato educacional alienante e não libertador procura inculcar no indivíduo a desumanização, à medida que não o desperta para a conscientização de que ele é um ser inconcluso e necessitado de constante busca por aprimoramento humano. A atividade educacional de humanização, por outro lado, vai procurar despertar e cultivar constantemente no educando essa consciência de que o indivíduo é um ser não concluído e, portanto, desafiado a buscar permanentemente a sua complementação.

Para Paulo Freire, normalmente o homem se reconhece como pertencente a um grupo social e isso o leva a inserir-se nesse grupo com o qual ele passa a se relacionar. Não obstante, o simples reconhecimento de pertencer a um grupo e com ele interagir não é o suficiente para que o indivíduo se perceba como ser histórico e necessitado da busca contínua de aperfeiçoamento. O processo de humanização requer que, ao inserir-se num grupo social, o homem se conscientize de que na sociedade em que ele se insere necessita desempenhar um papel ativo e transformador. É necessário que se perceba não somente como parte integrante

do corpo social, mas dotado da função de transformar a sociedade sempre para um grau de humanização maior.

A capacidade para criar elementos novos dentro da sociedade é de fundamental importância para Paulo Freire. À proporção em que o indivíduo possui somente a preocupação de adaptação e ajustamento dentro da sociedade, não se importando em ser ativo e transformador da mesma, o homem entra em um círculo de desumanização. O ideal, apontado por Freire é que o indivíduo possua, junto à sociedade na qual ele vive, o desafio de atuar no sentido de provocar as mudanças sociais consideradas vitais. Para isso, se faz necessário que ele tenha a sociedade como objeto de suas reflexões; que se debruce sobre ela como maneira de conhecê-la cada vez mais e que, ao conhecê-la, consiga diagnosticar os pontos que carecem de mudanças, as quais devem acontecer através de sua atuação.

A essência humana, segundo Paulo Freire, exige que o homem atue no mundo de forma crítica e consciente, pois somente assim estará vivenciando a liberdade e sua subjetividade. Se, ao contrário dessa postura crítica, livre e subjetiva, o indivíduo adota uma visão alienante da história e da sociedade, a sua atuação também será de acordo com a visão que ele possui. Consequentemente, estará sempre distante daquilo que Paulo Freire considera que constitui a essência humana que é a sua capacidade criadora e transformadora da realidade⁴.

Portanto, eis a necessidade apontada por Paulo Freire no sentido de tornar os homens cada vez mais livres, subjetivos, conscientes de sua identidade humana e humanizadora. O despertar-se para esta percepção é fundamental para que o homem venha a desempenhar a sua práxis a partir de sua reflexão em torno da sociedade na qual ele está inserido. Estar consciente de sua função, o levará automaticamente a desempenhar sempre mais o seu poder criativo e transformador da história.

Liberdade e subjetividade

⁴ Segundo Paulo Freire, sem uma atuação pautada na visão crítica da realidade e na conscientização da necessidade de mudanças, não se pode falar de uma práxis transformadora. A conscientização deve despertar no educando a consciência de seu papel ativo e transformador na sociedade.

Parece-nos que a meta de Paulo Freire mediante seu discurso sobre a educação é a construção da liberdade e da subjetividade. Deste modo, o pensador em questão desenvolve uma crítica acerca da relação entre o educador e o educando, procurando enfatizar que o papel do educador vai muito além de ser a autoridade responsável único pelo processo educativo. Aponta no sentido de enfatizar que o educando não é um mero depositário de informações por parte do educador e que a educação ideal, que vise a construção da liberdade, da subjetividade e da autonomia, pressupõe uma interação dialética e dialogal entre educador e educando.

Para que a relação entre educador e educando aconteça nos moldes acima, segundo Paulo Freire, ela precisa estar pautada no que ele concebe como autonomia, isto é, uma dialética relação respeitosa onde o educando se sinta também o sujeito do processo educativo. Trata-se de um processo que envolve interação, respeito, cooperação entre o educador e o educando. O que leva esse pensador a dedicar grande parte de seu discurso à enfática defesa da autonomia é a sua compreensão de que somente através desse processo é que será possível despertar no indivíduo a consciência de sua importância e significado dentro da sociedade. A sua verdadeira emancipação enquanto pessoa pressupõe o despertar da consciência de seu verdadeiro significado e papel a desempenhar no corpo social. E assim ele propõe um questionamento constante a todas as instâncias que se colocam como promotoras de estigmas e alienações do indivíduo. Sobre a relação entre a educação e a autonomia, eis o que nos diz Paulo Freire:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia, o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele se ponha no seu lugar ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isto afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor silencioso rompe com a radicalidade do ser humano (...) (Freire, 1997, 66).

Paulo Freire constata a dificuldade por que passam as pessoas em se convencerem e se conscientizarem da necessidade da autonomia para poderem construir a sua própria história. Adverte sobre a existência de discursos fatalistas e pessimistas. Tais discursos

apontam para determinismos sociais, econômicos e políticos, que desestimulam o indivíduo quanto à possibilidade de se libertarem, tornarem-se autônomos e construírem a sua própria história. Esta visão fatalista e determinista é altamente comprometedora, segundo o nosso pensador, especialmente quando é assimilada por educandos e educadores. A nefasta consequência da assimilação de um discurso deste tipo por parte dos agentes envolvidos no ensino é a introjeção de uma maneira de pensar pessimista, onde predomina o desestímulo de lutar pela transformação de si e também da realidade em que se encontram.

Em função do perigo destas assertivas que pregam o fatalismo histórico, Paulo Freire propõe a necessidade de cultivar constantemente o senso crítico em relação às realidades e buscar permanentemente a autonomia. De posse do senso crítico e da autonomia, o indivíduo não deixará se envolver com discursos desestimulantes e fatalistas e passará a se empenhar na busca de transformações que visam a sua liberdade, a afirmação e o fortalecimento de sua subjetividade.

O entendimento de Paulo Freire, portanto, é que o ato de educar pressupõe em primeiro lugar que o educador respeite a autonomia do educando, o que significa ver o educando como agente e sujeito ativo no processo de formação. A pedagogia educacional por ele apresentada aponta para a necessidade de estar constantemente realizando uma avaliação no processo educativo que está sendo ministrado pelo educando⁵. Isso para ter assegurado que o referido processo está garantindo permanentemente aspectos considerados por Paulo Freire como indispensáveis, como autonomia e respeito ao educando. Aponta para a necessidade de coerência por parte do educador em estabelecer estreitas relações entre o que é ensinado e o que por ele é vivido. E neste aspecto evidencia a necessidade do comprometimento ético que o educador deve possuir no desempenho de sua função.

Conforme apontado acima, Paulo Freire aponta que a educação não deve acontecer no sentido de domesticar o indivíduo, tornando-o um simples espectador dos acontecimentos e aceitando tudo o que lhe é apresentado. A este tipo de educação que visa somente a adaptação e o ajustamento do sujeito à realidade e não o conscientizando de seu papel ativo

⁵A autocrítica é recomendada na proposta pedagógica de Paulo Freire como forma de se verificar o que se objetiva com a educação ministrada, a saber, a criação da liberdade e da subjetividade no educando ou a tendência para o ajustamento e a adaptação sociais.

na história, o pensador em questão denomina de educação bancária. Segundo ele, esta forma de educar tem como objetivo somente preencher o educando de informações; é aquela maneira de educar que simplesmente faz do educando um mero depositário de conteúdos destituídos de senso crítico. Aqui, somente se preocupa em narrar os fatos e fazer com que o educando assimile de maneira ingênua aquilo que lhe é narrado e apresentado com verdade incontestável. A educação bancária de que ele nos fala confere um destaque todo especial à memorização considerada de grande importância para que o indivíduo assimile somente aquilo que lhe é passado como verdade.

Por ser um tipo de educação onde, de um lado se tem o autoritário educador como aquele que sabe e, de outro lado, o educando como aquele que nada sabe e, portanto, deve ser informado, Paulo Freire faz severas críticas a esta forma de educar. Segundo ele, este modelo simplesmente visa reproduzir conhecimentos e valores que, por sua vez, tem como objetivo a manutenção do sistema ideológico que prevalece. Para este modelo, a educação não é um processo de busca de liberdade, subjetividade, conhecimento, cultura, saber, senso crítico, conscientização e autoconhecimento. Paulo Freire explora muito este conceito de educação bancária como forma de elucidar a sua proposta pedagógica educacional de uma educação libertadora e conscientizadora, capaz de despertar na pessoa a percepção clara de que ela é responsável pela criação da história.

Ao fazer contundentes críticas a este tipo de educação, Freire traz à tona a sua concepção acerca da necessidade de uma educação humanista e conscientizadora, capaz de levar os homens a se encontrarem através do diálogo e interações. A troca de informações mediante o diálogo é para Freire algo de grande importância, pois possibilita a criação e o desenvolvimento da humanização. Sem preocupação com humanização não há, segundo ele, a menor chance de criação da subjetividade e da liberdade entre as pessoas. Eis o que diz Freire a este respeito:

A conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de

maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação (Freire, 1980, 16).

Por sua própria essência, segundo Paulo Freire, o homem é um ser propenso ao diálogo e interações. Isto constitui um dos principais atributos do ser humano e que o caracteriza como tal. De modo que privá-lo do exercício da faculdade de interagir e comunicar, de certa forma, é desumanizá-lo. A comunicação é capaz de colocar o indivíduo dentro da vida em sociedade, fazendo com que ele se sinta integrado em meio aos seus semelhantes. Nesta sociedade onde se insere, o sujeito vai se deparar com os naturais empecilhos a serem superados, visando a viabilidade de seu existir, o seu bem estar e o bem estar da coletividade. É por este motivo que Paulo Freire considera a comunicação o instrumento desencadeador da conscientização. Conscientizar-se através da interação, diálogo e inserção na sociedade é um desafio social e político. A ação do homem sobre o mundo, bem como a sua interação consciente sobre a natureza requer, antes de tudo, a comunicação que vai gerar a conscientização de seu atributo transformador.

Paulo freire considera que o homem é um ser capaz de desdobrar-se em sujeito e objeto da reflexão ao mesmo tempo. O ato de voltar-se para objetos e desenvolver uma reflexão denota ser consciente das necessidades de transformar o que precisa ser transformado. Assim, a pessoa é capaz de mudar a si mesmo, tornando-se cada vez mais livre e subjetivo⁶. Ao debruçar-se sobre a realidade tendo a como objeto de sua reflexão, é capaz de operar sobre a mesma as mudanças necessárias. É neste sentido que o tema conscientização é um dos pontos centrais que atravessa as obras de Paulo Freire.

Do ponto de vista das relações sociais e políticas, Freire considera que somente através da tomada de consciência de que não se está sendo livre é que se é possível iniciar um processo de libertação das amarras. Não havendo esta conscientização de seu estado de aprisionamento, o indivíduo não se depara com a necessidade de romper com os vínculos que o aprisionam. Neste sentido, Paulo Freire aponta a ingenuidade frente à realidade como sendo um grande obstáculo no percurso que possui como meta a liberdade. É de fundamental

⁶A capacidade para refletir sobre os seus atos e sobre os acontecimentos ao seu redor é considerada por Paulo Freire como uma das especificidades do ser humano que não somente lhe confere privilégio, mas, sobretudo, compromisso de comprometimento na aquisição da liberdade, subjetividade, com sua práxis junto à sociedade.

importância, segundo o pensador em questão, que se tenha uma visão crítica da realidade objetiva. A consciência ideal a ser desenvolvida pela pessoa é, segundo ele, a consciência que torna o indivíduo capaz de olhar para a realidade não de maneira inocente e ingênua, mas de forma apreciativa e crítica. Tendo este tipo de consciência, nada é visto como inteiramente acabado, mas sim passível de mudanças a partir da necessidade.

Num primeiro momento do processo de libertação dos estigmas que alienam o indivíduo, Freire considera de essencial importância uma pedagogia específica a que ele denomina pedagogia do oprimido. Este método pedagógico proporciona ao sujeito a tomada de consciência de seu verdadeiro estado de opressão, assim como a necessidade de se libertar desta situação de enclausuramento. Sem esta pedagogia educacional como prática da liberdade, dificilmente haverá a tomada de consciência da situação desumana na qual se encontra o oprimido. A partir do momento em que ocorre a emancipação da situação de encarceramento, a pedagogia do oprimido cede lugar a uma nova situação caracterizada pela relação humana entre as pessoas, onde todos teriam a consciência de seu valor, de sua importância, de seu papel dentro da sociedade e de necessidades de mudanças constantes no meio onde se encontram a partir da constatação das demandas sociais.

Assim como a liberdade, a conscientização confere ao sujeito a possibilidade de construir a sua subjetividade, à medida em que ele se torna capaz de tomar as decisões primordiais a partir de si mesmo. É a conscientização que faz com que o indivíduo se perceba como ser único, subjetivo e, como tal, em condições de decidir a partir de sua consciência e não simplesmente portar-se como alienado, onde terceiros decidem por si, deixando-o sempre no humilhante desconforto de ser tão somente objeto passivo na sociedade.

A relação que Paulo Freire estabelece entre a educação e a conscientização é algo muito estreito, pois sem a educação, na forma como ele a coloca como sendo a ideal, não é possível falar de conscientização. E, sem a conscientização crítica, não seria possível a tomada de consciência da importância da conquista e manutenção da liberdade, bem como do fortalecimento cada vez maior da subjetividade. E esta educação envolve a necessidade de se preocupar com a autonomia no sentido de libertar o educando de dependências alienantes e desumanizantes. Neste sentido, Paulo Freire é enfático em afirmar:

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vai construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua *autonomia*. É com ela, a sua *autonomia*, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o ‘espaço’ antes ‘habitado’ por sua *dependência*. Sua *autonomia* que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida. No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua *autonomia* (Freire, 1997, 105).

O processo de alfabetização é apontado por Paulo Freire como sendo um dos principais momentos na vida do indivíduo, pois, segundo o pensador em questão, é neste aprendizado que se começa a educação do indivíduo⁷. No entanto, faz questão de ressaltar que a alfabetização vai muito além do que simplesmente ler as palavras escritas de forma automática. Mais do que isto, a alfabetização, segundo ele, compreende ler nas entrelinhas, ser capaz de descobrir o que está subjacente às palavras escritas, imaginar o significado das palavras etc. Somente ler o que está escrito e não ser capaz destas atitudes ligadas a imaginação consciente implica em alienação, o que vai seriamente compromissar o verdadeiro aprendizado, a busca da liberdade e da subjetividade. Uma vez alfabetizado, o homem se reconhece como ser livre, portador de uma subjetividade, vendo-se como intérprete e personagem ativo da história, sempre pronto a desempenhar a práxis dentro da sociedade onde ele se encontra.

A educação, segundo Paulo Freire, conduz naturalmente a uma introspecção, onde o homem voltando-se para si mesmo, torna-se capaz de conhecer o seu momento histórico, o seu redor com seu respectivo contexto e, a partir deste conhecimento, inteirar-se de suas responsabilidades. Somente se entende a educação dentro de um clima de parceria entre o educador e o educando, onde ambos se sentem responsáveis pelo processo. Dessa relação responsável entre o educador e o educando surge a conscientização que vai resultar numa visão crítica por parte do educando acerca da realidade, bem como a compreensão de seu indispensável papel político na construção de uma sociedade sempre comprometida com valores relacionados com a liberdade e a subjetividade.

⁷A ideal alfabetização para Paulo Freire é aquela que proporciona ao indivíduo a faculdade para, ao fazer as leituras, transcender as palavras lidas e ir além, através da imaginação e reflexão. Esse procedimento é considerado fundamental em sua proposta pedagógica educacional.

O comprometimento e o trabalho transformador dentro da sociedade, segundo Paulo Freire, sempre são precedidos por uma educação que suscite uma conscientização crítica em substituição a uma visão ingênua da história e da sociedade. Assim, toda a proposta de Paulo Freire com vistas à construção da liberdade e da subjetividade junto ao indivíduo passa necessariamente pela educação e pela conscientização. Desse modo, não existe dissociação entre conscientização e maneira do indivíduo se portar dentro da sociedade. Sem a conscientização, o seu entendimento será no sentido de simplesmente aceitar o que lhe é apresentado e, conseqüentemente, não ter nenhum tipo de atuação na sociedade. Por outro lado, uma vez conscientizado, haverá um entendimento de que possui um papel eminentemente político dentro da história, sendo inclusive capaz de mudar a sua direção.

Paulo Freire aponta que todo ato educacional tem no seu bojo um objetivo e isto está relacionado com seu entendimento acerca da educação e a maneira de ministrá-la. A educação pode ser ministrada no sentido de preservar e conservar os valores e características de uma sociedade, assim como também pode ser praticada, visando a transformação do que urge ser mudado na sociedade. Desse modo, Paulo Freire aponta que o ato de ensinar não se separa do ato político, visto que o ato de educar tem implicações diretas na visão e na forma de atuação junto à sociedade.

Assim, para o pensador em questão, educar é, inevitavelmente, desempenhar um papel político dentro da história e junto à sociedade onde o educando, educador e outros envolvidos no processo se encontram. Não existe educação ingênua e desinteressada, segundo Paulo Freire, visto que ela sempre visa um objetivo marcadamente político. Sempre se está visando atender a um interesse, ou se objetiva a construção da liberdade e da subjetividade no indivíduo e suas implicações, ou se procura através dela criar o conformismo, o ajustamento, a alienação e o não comprometimento. Ou se educa o sujeito para meramente reproduzir o que é considerado como valores e costumes inquestionáveis da sociedade, ou se educa para se ter consciência do papel transformador que o mesmo deve provocar em seu meio social.

O desafio de criar e manter este modelo educacional na sociedade não se limita somente às escolas, pois mesmo no ambiente familiar, esta forma de educar deve ser exercitada, segundo Paulo Freire. Desta forma ele mostra que inclusive a relação entre pais e filhos deve ser pautada nesta sua proposta pedagógico-educacional, a saber, conscientizar, incentivar a busca e a valorização da liberdade e da subjetividade. Eis o que Paulo Freire nos diz neste sentido:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Pro que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando a sua própria autonomia. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos (Freire, 1997, 120).

Esta relação pedagógica envolvendo o educador e o educando é fundamental para que, de fato, surja a conscientização como resultado do processo. E aqui o diálogo se faz necessário a fim de que ocorra este envolvimento da maneira mais harmoniosa possível e, a partir disto, surgir a conscientização que é fator determinante para que, com liberdade e consciente de sua subjetividade, o indivíduo atue na sociedade. A pedagogia educacional de Paulo Freire propõe o respeito às respectivas etapas do itinerário educacional com atenção a um processo sugerido como constante.

Considerações finais

A construção da liberdade e da subjetividade em Paulo Freire é uma tarefa que se liga estreitamente ao seu conceito sobre a prática pedagógica, a qual deve ser desenvolvida, visando assegurar uma educação sinônima de instrumento de libertação de tudo aquilo que estigmatiza e aliena a existência humana. Deste modo, o que ele visa, através de seu pensamento, notadamente sobre a prática educacional pedagógica, é fazer com que uma forma de educação tradicional e conservadora ceda espaço para outra modalidade e que possam estar asseguradas ao indivíduo a liberdade e a consciência de sua subjetividade.

Ao afirmar que a verdadeira educação é aquela que liberta e assegura a subjetividade, Paulo Freire atribui grande valor ao processo educativo por entender que ele é o ponto de partida para se conquistar estes elementos essenciais na constituição da pessoa humana. No entanto, a real conquista da liberdade, conforme entendida por este pensador, pressupõe um processo mais amplo que a própria sensação de estar sendo livre. A liberdade conquistada requer do indivíduo uma assimilação de sua importância, não somente como um valor restrito e particularizado, mas como algo que deve ser experimentado por todas as pessoas. A liberdade deve ser uma experiência franqueada a todas as pessoas.

Para que esta experiência venha ser possível, o pensador em questão aponta que a educação necessita ressaltar a importância do aspecto comunitário, evitando assim que o indivíduo venha a se preocupar egoisticamente apenas com o seu processo emancipatório. A educação deve despertar e conscientizar a pessoa sobre a necessidade do envolvimento, da práxis, na sociedade com vistas a construir uma situação cada vez melhor para todos de um modo geral.

Como ser livre e subjetivo, Paulo Freire sinaliza que o homem vive em sociedade em função de sua própria natureza que é caracterizada pela vocação comunitária. De modo que não se pode conceber uma situação em que o indivíduo esteja privado dessa dimensão. Em outras palavras, Paulo Freire considera que a verdadeira liberdade consiste em assegurar que o homem tenha direito a esta abertura para o social. Também reitera que o envolvimento social por parte do sujeito não deve acontecer numa linha de ajustamento e acomodação. Como ser livre e subjetivo, o indivíduo não pode ser considerado um simples ser passivo e tão somente receber influências do meio social, mas sim um ser ativo que possa inclusive intervir e provocar mudanças, tendo sempre como meta a crescente humanização.

É inegável a grande contribuição que Paulo Freire trouxe para a educação, para a cultura de modo geral e, também, em termos humanísticos, sobretudo, quando associou o processo educativo ao dinamismo político. Afirmou não haver a neutralidade no desempenho da atividade educacional, onde o educador, educando e demais envolvidos estariam ou construindo a liberdade e reforçando a consciência da subjetividade na pessoa

ou, ao contrário, estariam despertando e fomentando a mentalidade destinada ao ajustamento e à acomodação sociais.

Esta consideração de Paulo Freire constitui um chamamento e também um desafio para que uma atenção apurada esteja voltada para a educação no sentido de monitorar e se comprometer sempre com uma educação que priorize a liberdade, a subjetividade e que realmente seja humanizante. Este é o sentido que o pensador confere à educação através do tema por ele enfatizado, em *A educação como prática da liberdade*.

Paulo Freire contribui com a cultura nacional à medida em que desenvolve um projeto pedagógico que leva em consideração o aspecto humanizante e o compromisso ético. Seu projeto pedagógico constitui-se em uma alternativa político-educacional que visa fazer com que a educação não seja uma mera atividade automática destinada a forjar mentalidades descomprometidas com a liberdade, subjetividade e compromisso com mudanças na sociedade. Seu projeto político pedagógico está associado ao compromisso com a emancipação, conscientização e transformação.

Num momento em que muito se fala em necessidade de conscientização, valorização da liberdade, despertar da subjetividade como forma de destacar a individualidade do sujeito, necessidade de transformações na sociedade, o pensamento de Paulo Freire se apresenta como pertinente e atual enquanto alternativa para estas propostas contemporâneas. Seu pensamento é um apelo para que as relações entre educador e educando sejam no sentido de poderem contribuir para o aperfeiçoamento do homem e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. Revisão: Adriano Correia. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- _____. **A Crise na Educação**. In: ARENDT, H. Entre o Passado e o Futuro. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOFF, L. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- DUSSEL, E. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução: Maria Ermatina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1981a.
- _____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1997.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GADOTTI, Moacir. **A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho**. In: GADOTTI, Moacir. (org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.
- GUTIÉRREZ, F. **Educação como práxis política**. Tradução: Antônio Negrino. São Paulo: Summus, 1988.
- STRECK, D. R. (org.). **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. Petrópolis: Vozes, 2014.